

O Símbolo da Fé dos Filósofos (*Risâla fî 'itiqâd al-hokamâ'*)

Shihaboddin Yahya Sohrawardi (1154-1191)

Traduzido do original em árabe para o francês por Henri Corbin

1. Motivo da Composição do Livro

Glória a Deus Altíssimo e que Sua bênção recaia sobre Seu Profeta e sua família - a razão pela qual este livro foi redigido é que constato que as más línguas voltaram-se contra os homens de ciência por entre os teosofistas místicos¹, e que se torna cada vez mais violenta, com relação a eles, uma atitude negativa que desfigura seus modos de pensar. Como ponto de partida, a razão disto tudo é que as pessoas presumem, com relação a essa causa, que eles se identificam com os materialistas², que não admitem nem o Criador, nem os profetas, nem o Dia do Julgamento³, nem a ressurreição, nem o retorno a Deus, nem o Outro Mundo⁴, nem nos castigos nem na beatitude depois da morte.

2. O Símbolo da Fé dos Filósofos em Geral

A presunção pode se enganar, assim como pode ser justa. Dentro do caso presente, no que concerne aos homens de ciência entre os teósofos místicos, ela comete um erro. Pelo contrário, os homens de ciência que se encontram entre os mestres que possuem a experiência de Verdadeira Realidade⁵ professam que o universo possui um Criador: que Ele é único, só, impenetrável⁶, que a ele não é dado 'nem companheiro nem filho' (Corão 72/3); que ele é vivente, conhecedor, capaz de ver, qualificado pelos atributos da perfeição, sem multiplicação nem pluralização; que os profetas são comissionados por Deus para realizarem aquilo que têm o dever em realizar; que o castigo e a beatitude *post mortem* são verdadeiros; que a beatitude e a reprovação são verdadeiras, constantes, aderentes ao ser humano; que a bem-aventurança encontra a resposta no *post-mortem*, que o universo pode pertencer ao ser que pode não ser, que tudo isto no ser e no não-ser está no ser que pode vir a ser⁷, no sentido de que seu ato de ser (do universo) está fundamentado sobre um outro que não ele mesmo e que está naquilo que, para ser, não tem necessidade de outro além de si mesmo, e este é o Ser Necessário (*Wâjib al-wojûd*), exaltado seja Ele. Tudo será recapitulado de uma maneira global, dentro do Símbolo da Fé dos Filósofos.

3. A Demonstração do Ser Necessário.

¹ As difamações de leigos ou agnósticos piedosos são dirigidas àqueles que se apegam ao conhecimento filosófico. No entanto, para Suhrawardi, o sábio perfeito é aquele que combina pesquisa filosófica com experiência espiritual. Portanto, uma vez sem um treinamento filosófico sério, o místico é exposto a ilusões e delírios

² Sobre o *Dahrlyân*, cf. Nastr Khosraw, *O livro que une a sabedoria de Deus*. Biblioteca Iraniana, vol. 3), Teerã-Paris 1953.

³ *Al-Hashr*, a reunião dos seres humanos no Juízo Final

⁴ *Marji e ma'dd*: os *Dahrlyins* recusam a escatologia.

⁵ *Arbab al-haqiqat*, cf. apresentação acima deste tratado

⁶ *Samad*. Sobre a tradução para "impenetrável", ver D. Masson, *Le Coran*, introd. Trad. . e notas (Bibliothèque de la Pléiade, 190), Paris 1967, nota ad 112/2, P. 978.

⁷ *Momkin al-wojud* não é exatamente o que se chama de "contingente", devido ao fato que ele existe, ele é necessário, se não por si mesmo, pelo menos *ab alia*. Esta questão foi amplamente discutida pelos filósofos da Escola de Isfahan, veja nossa Introdução Analítica I e II, e S.J. Ashtiyani, *Antologia dos Filósofos Iranianos do século XVII até os dias atuais*, I e II (Iranian Library, vol. 18 e 19), Tehran-Paris 1972-1975. Em particular, os capítulos sobre Mir Damad e Qawamoddin Razl.

Quanto à exposição em detalhe, é como se segue. Demonstra-se, por argumentos decisivos, que o universo pode não ser. Aquilo que todo o mundo pode compreender é que os acidentes subsistem através dos corpos. O acidente, portanto, pode não ser, porque este está condicionado por qualquer outra coisa. Se o seu ser fosse necessário, não poderia não ser e o seu ser não seria condicionado por qualquer outra coisa. Com relação aos corpos, estes são os substratos dos acidentes que podem não ser. O Ser Necessário não é o substrato de acidentes, senão, ele mesmo seria o não ser. Em seguida, os corpos são diferenciados pela diversidade dos acidentes, tais como as dimensões, figuras, cores, calor, frio e todos os outros acidentes variados. Portanto, é necessária a existência de um Criador que lhes dê origem. Ou, os corpos não são o princípio de suas próprias modalidades, pela razão de que essas modalidades são diversas, e que os corpos nunca diferem no que se refere à corporalidade (*jismîa*, a sua natureza de corpo). Portanto, não são capazes de conferir origem às diversas realidades diferenciadas.

Os acidentes não podem ser os princípios que conferem origem aos corpos por duas razões: a primeira é que os acidentes são múltiplos e variados, enquanto que os corpos (no que concerne sua corporalidade) são sempre uma única e mesma realidade. Se os acidentes fossem os princípios capazes de originar os corpos, isto faria com que os corpos se diferenciasssem entre si com relação à corporalidade como tal⁸. A segunda razão é que, para ser, os acidentes têm necessidade de um corpo. Como, portanto, o acidente seria o princípio que conferiria a origem àquilo de que tem precisamente necessidade para ser?

O corpo portanto não é um princípio original por si e para si mesmo, assim como o acidente. Portanto falta um princípio original que não é nem um corpo nem acidente. Se este princípio original é o Ser Necessário por si mesmo, então será este que propomos demonstrar. Se este princípio é, ele mesmo, o que pode não ser, será necessário que seja conseqüente (volte), ao Ser Necessário por si mesmo e este é o Criador Altíssimo. O ser humano inteligente não duvida deste ponto. "É possível duvidar de Deus?" (Corão 14/11). Não, é ali que cada coisa ergue-se do sentimento inato. Como dizem os árabes: "O estreme indica o camelo, e o calçado usado indica a distância"⁹. Assim, um templo¹⁰ erguendo-se nas alturas com esta ligeireza sutil, um centro afixado embaixo com esta densidade, não indicariam, ambos, o bom demiurgo? Entretanto, os filósofos professam que o Criador não dá origem aos corpos sem outra determinação. Não, um corpo é produzido seja como Fogo, seja como Ar, seja como Água, seja como Terra. Se assim for, o ato de dar origem ao corpo por razão de aspectos ou 'dimensões' diferentes não é possível.

4. A Procissão das Dez Inteligências

Em realidade, estamos dizendo: a Primeira, a quem Deus Altíssimo dá origem, é uma entidade intelectual, viva, conhecedora, segundo aquilo que o Profeta disse, "A Primeira que Deus cria, é a Inteligência"¹¹. Esta Inteligência possui três dimensões intelectivas¹²: 1) por sua contemplação

⁸ Esse raciocínio foi derrubado pela metafísica de Mulla Sadra Shirazl (1640), que conferiu à existência a primazia sobre a qualidade ou essência. Existem muitas maneiras de "ser um corpo", desde o corpo material até o corpo sutil. Ver a nossa edição de Mulla Sadra, *Le Livre des Penétrations métaphysiques* (Biblioteca Iraniana, Teerã-Paris, 1964).

⁹ Este provérbio aparece em Majlist, *Bihâr al-Anwâr* (O Oceano de Luz) litogr. ed. Teerã. 1355, p. 17.

¹⁰ *Haykal*, aqui a abóbada celestial

¹¹ Sobre este *Hadit* do Profeta, cf. Em *Islan Iranien...* t. IV, s.v. *hadith*, Os filósofos identificaram facilmente essa Inteligência com o *Nous* dos neoplatonistas ('*Agl*'; não traduzir por "razão"). É esta primeira Inteligência que Suhrawardi designará sob o nome de *Bahman*, que na cosmologia zoroastra é o nome do primeiro Arcanjo procedente de *Ohrmuzd*.

¹² Sobre os três atos de contemplação de cada Inteligência, ver nosso trabalho *Avicenne et le Recité Visionnaire*, t. I (Bibliothèque Iranienne, vol 4), Tehéran-Paris 1954. index s. v. Inteligências, querubins no *En Islam Iranien*. t IV, índice s. v. Inteligência. Nas traduções Latinas, as Inteligências (Querubim) são os *Angeli Intellectuais*; as Almas Motrizes das Esferas são os *Angeli caelestes*. A matéria sutil das esferas celestes marca o início da sombra, a distância entre o anseio da alma e da Inteligência da qual ela procede; é o movimento do seu anseio que ela comunica ao Céu que emana dessa mesma Inteligência. Ver abaixo

e sua intelecção de seu Criador; 2) por sua contemplação e intelecção de seu próprio ser que pode não ser; 3) por sua contemplação e sua intelecção de sua própria essência. Pelo seu ato de contemplação e de intelecção de seu Criador - aquilo que é a sua dimensão superior - surge dela uma segunda Inteligência. Pelo seu ato de contemplação e intelecção de seu ser que pode não ser - aquilo que é sua dimensão inferior - nasce dela um céu (um céu supremo, Esfera das Esferas ou a Nona Esfera). Pelo seu ato de intelecção de sua própria essência, nasce dela a Alma Motriz (*Anima caelestis*) deste céu¹³. Da mesma maneira, nascem da segunda Inteligência, uma terceira Inteligência e um segundo céu (da Oitava Esfera, céu das Estrelas Fixas, do Zodíaco)¹⁴ e a Alma deste céu. Da terceira Inteligência, procedem uma quarta Inteligência e um terceiro céu (a Sétima Esfera, céu de Saturno) e a Alma desse céu. Da quarta Inteligência, procedem uma quinta Inteligência, um quarto céu (A Sexta Esfera, céu de Júpiter) e a Alma desse céu. Dessa quinta Inteligência procedem uma sexta Inteligência e um quinto céu (a Quinta Esfera, céu de Marte) e a Alma desse céu. Da sexta Inteligência, procedem uma sétima Inteligência, um sexto céu (a Quarta Esfera, céu do Sol) e a Alma desse céu¹⁵. Da sétima Inteligência procedem uma oitava Inteligência, um sétimo céu (a Terceira Esfera, céu de Vênus) e a Alma deste céu. Da oitava Inteligência procedem uma nona Inteligência, um oitavo céu (a Terceira Esfera, céu de Mercúrio) e a Alma desse céu. Da nona Inteligência procedem uma décima Inteligência, um nono céu (a Primeira Esfera, céu da Lua) e a Alma desse céu.

Da décima Inteligência procedem o mundo dos Elementos e as almas humanas. E esta que se chama de "Doador de Formas"¹⁶. Os profetas a chamam de "Espírito Santo" (*Rûh al-Qods*) e Gabriel. É ele que declara a Maria: "Sou o enviado de teu Senhor para te conferir um menino puro" (Corão 19/19)¹⁷.

5. Que a Criação é Eterna

Noutro lugar, os filósofos professam que estes seres não determinam nenhum retardamento sobre o Princípio que lhes conferiu origem, nem quanto ao tempo, nem ao espaço, pois que tanto o tempo quanto o espaço lhes são consecutivos¹⁸. Ou dizendo de outra maneira: estes seres não retardam¹⁹ sobre Deus Altíssimo apenas quanto à essência (*bî'l-dhât*, não apontando à existência), e é este o retardamento daquilo que recebeu a origem (*mobda'*, a insaturação no ser) por correspondência àquele que lhe deu origem (*modi'*, o Instaurador), uma vez que aquilo

os tratados II, VII e IX. o "*Livre de la théosophie orientale*" (*Hikmat al-lshraq*), a procissão das Inteligências ocorre em outro ritmo.

¹³ Isto é, pela intelecção de sua própria essência conforme requerido por seu Princípio

¹⁴ Em ordem decrescente, enquanto em ordem crescente o Céu das Fixas não é o segundo, mas o oitavo Céu, e assim por diante. Cf. O "*Livro das horas*", as liturgias compostas por Suhrawardi em homenagem a cada Inteligência.

¹⁵ Este é o Céu do Sol, a teurgia do arcanjo zoroastra *Shahrivar*, cuja alma é *Hurakhsh*. Cf. o "*Livro das Horas*" e no *En Islam iranien* t. IV índice s.v. *Hurakhsh*.

¹⁶ *Wahib al-sowar*, o *Dator Formarum* das traduções latinas. Em persa, *Ravanbakhsh*, aquele de quem nossas almas emanam. A figura deste Anjo é essencial para a filosofia e espiritualidade de Suhrawardi.

¹⁷ A partir de agora, é assim afirmada a identidade entre a Inteligência Agente, como a Décima Inteligência Hierárquica, e o Espírito Santo. Como nós já mostramos em outro lugar, não se trata de forma alguma de uma racionalização do Espírito (*'Aql* é o *Nous*, não a "Razão"). Esta identificação permitirá aos nossos pensadores e espirituais confirmar uma vocação comum ao filósofo e ao profeta: o anjo do Conhecimento não é outro senão o Anjo da Revelação (cf. Antologia I e II). Em outro lugar, Suhrawardi irá renomeá-lo como *Sraosha*, que leva o nome de um Anjo do Avesta. É esta figura que polariza sua meditação como filósofo e sua devoção como teosofista místico (cf. a "*História do Exílio Ocidental*"). A "Natureza Perfeita" (o "Anjo do filósofo") é a manifestação dela, individualizando-se para cada espiritual. Veja *En Iranian Islam*. t. IV, índice s. v.

¹⁸ Desde determinado pelo *situs* e pelo movimento das esferas. Sobre a ideia de "criação eterna" (ocorrendo eternamente, em Mir Damad), cf. as referências dadas acima n. 7.

¹⁹ *Ta'akhhor*. Por outro lado, sobre o "retardo da eternidade" que provoca o "drama no céu" de acordo com a gnose ismaelita, cf. nossa *Trilogie Ismaélienne* (Biblioteca Iraniana, vol. 9), Teerã-Paris 1961, índice s. v.

que recebeu origem retarda eternamente sobre aquele que lhe deu origem, enquanto que aquilo que lhe deu origem o precede eternamente. Se qualquer um tomar cuidado de evitar usar os termos 'causa' e 'causado', não há necessidade de discuti-los. E se alguém generaliza, dizendo que o cosmos é eterno, querendo dizer com isso que entre o cosmos e o seu instaurador não existe qualquer retardamento (ou deslocamento), nem cronológica, espacial, nem gradual, nem natural, também aqui nada há a discutir sobre a terminologia, pois que a intenção é sempre a mesma e uma só. Bem entendido, se declaramos que o cosmos é eterno, entendendo por isso que não possui nem instaurador nem criador, isto será impiedade e *zandaqa*²⁰.

6. Que o ato criativo é um ato gratuito.

Os filósofos professam igualmente que Deus Altíssimo não confere o ser a qualquer coisa em razão de um ato de vontade deliberada, visto que o ato da vontade só interviria porque daria preferência a uma eventualidade sobre a outra, seja por uma vantagem que lhe ocorreria, seja por uma vantagem devida à coisa produzida. Neste último caso, por considerar que é preferível produzir essa vantagem para uma coisa, ao invés de se abster, é que o ato de vontade se torna realidade. Portanto, isso é algo que vem de um sentimento inato. Cada um de nós sabe muito bem que não produz um ato a não ser em razão de uma vantagem que lhe advenha, ou que possa ser conferida a outra pessoa, e isto é devido ao fato que a realização dessa vantagem para o outro lhe parece preferível à sua não-realização. Ora, podemos descartar radicalmente de Deus Altíssimo todas as formas de interesse, e qualquer dependência que subordine sua intenção a uma coisa qualquer. Seu ato criativo, portanto, não é feito em razão de alguma meta interesseira. Longe disso, é a sua própria essência que exige e desencadeia o ato de existir. Supondo que os filósofos sigam o caminho da discussão e admitam que existe um ato de vontade, sua posição de tese não será portanto, arruinada. Sendo a Vontade divina eterna ela mesma, segue-se que o cosmos não retarda em nada sobre o Princípio que lhe dá origem, nem por um retardamento dentro do tempo ou espaço, nem por qualquer outro tipo de retardamento.

7. Da imaterialidade da alma como Espírito divino

Os filósofos professam que o ser humano é o mais nobre dos seres terrestres animados e que possui uma alma pensante²¹. "Alma Pensante" que é, segundo o filósofo, um termo que designa um ser substancial (*jawhr*), uma essência intelectual e monádica que não existe *dentro* do mundo dos Elementos nem *dentro* do mundo etérico (*athîrî*), ou seja, dentro do universo sideral. Não! O seu ato de ser, sua existência é inconcebível *dentro* do mundo dos corpos, porque se ela tivesse ocorrido dentro deste mundo, seria inconcebível que fosse capaz de perceber a unidade do Ser Primeiro, exaltada seja a sua grandeza²². Porque o Único (o Uno), não pode ser conhecido a não ser por uma essência ela mesma monádica. Ou dizendo melhor: a alma, ela mesma, é uma essência monádica, como disse al-Hallâj ao ser crucificado: "Aquilo que basta ao Único é que se torne Um."²³ Ora, o que quer que exista dentro do mundo dos corpos, não é uma realidade monádica. A existência da alma, portanto, não pode ser concebida como estando *dentro* do mundo dos corpos.

²⁰ Nossos autores frequentemente derivam as palavras *zandig*, *zandaga* da palavra *zand*, que estabelece a princípio, uma conexão com o antigo Irã zoroastra (v. g. *Hûjwiri*, seu *Kashf al-Mahjub*, trad. Nicholson), depois com o maniqueísmo. Ver o excelente estudo feito no passado por Georges Vajda, *Les zindiqs en pays d'islam au début de la période abbasside*, em "*Rivista degli Studi orientali*", XVIII, Roma 1937, pp. 173-229.

²¹ *Nafs nâtiga*, literalmente "a alma que fala", portanto a alma como Verbo, cf. infra Tratados V e VII. Ela também é referida como *Ruh ilahi*, Espírito Divino, cf. infra n. 28.

²² Ela não está no espaço, é o espaço que está nela, daí "*Na-khoja-Abad*", infra n. 26.

²³ Cf. nosso *Prolegomenes* II, pp. 82-83; L. Manignon & P. Kraus, *Akhbâr al-Hallâj*, Paris 1936, p. 36 linha 7. Veja nossa apresentação acima.

A indicação que ela não está dentro do mundo dos corpos e que não é nem corporal, nem possui um corpo é encontrada no Corão, como também nas tradições e obras dos mestres. Com relação aos versos corânicos, indicaremos que ela se encontra (para aqueles que desejam aprofundar-se) "em uma morada da Verdade, perto de um rei poderoso"(54/55). Isto indica que a alma não é nem corpo nem corporal, uma vez que estas qualificações são inconcebíveis no que se refere aos corpos. Não, essas qualificações são aquelas do Espírito divino (*al-Rûh al-ilâhî*)²⁴, que por essência está radicalmente separado do mundo dos corpos. Não existe diferença entre ele (o Espírito divino como alma pensante) e os Anjos, a não ser o fato de ter um corpo à sua disposição para governar. Quanto ao argumento da Tradição, temos este *hadîth* de nosso Profeta: "Passei a noite com o meu Senhor; ele me nutriu e deu de beber."²⁵ Com relação às obras dos mestres, temos esta proposta de um dos *Mashâyekh*, comentando sobre o modo de ser do sufi: "Aquele que está na companhia de Deus, está fora do lugar."²⁶ Isto indica que a alma é incorpórea, uma vez que o corpo é composto e divisível e que, por sua vez, não se situa *dentro* deste mundo, uma vez que não é nem divisível pelo pensamento, nem concretamente. Assim, a alma pensante, ou seja, o Espírito divino, não existe *dentro* do mundo. Certo, ela possui uma ligação com o corpo, semelhante àquela que une o rei ao seu reino, que dele faz o que quer. Enquanto durar firmemente sua ligação com o corpo, a pessoa permanece viva. Se a ligação é rompida, a vida se interrompe. Dentro do corpo orgânico do indivíduo, existe um corpo vaporoso sutil, que é chamado de '*pneuma vital*' (*rûh hayawânî*). Enquanto este persistir, a ligação da alma com o corpo irá permanecer²⁷. Senão sobrevem a morte. Se a ordem das coisas não se apresentasse desta maneira, como poderíamos conceber que o Espírito divino, ou seja, a alma pensante, rasga (perfura e transpassa) os Céus e ergue-se gradualmente em direção ao alto, se o ato de perfurar e transpassar as Esferas Celestes fosse uma operação inconcebível? É por isso que, de fato, as Esferas celestes persistem eternamente nos seus movimentos circulares. Não podemos representar que a Esfera se move em um movimento retilíneo, uma vez que o movimento em linha reta não está de acordo com sua natureza. Ora, se ela voltasse a se soldar depois de ter sido rompida, então poderia se seguir que ela se move em linha reta²⁸.

8. A ação do Espírito Santo como Doador das Formas

²⁴ Esta qualificação determina a relação de consubstancialidade entre as Almas humanas e o Anjo Espírito Santo de quem emanam e que é o seu "pai celeste", o seu "pai espiritual" (cf. infra tratados II e VIII); a cristologia propriamente suhravardiana identifica o caso de Jesus como *Ruh Allah* com o da alma humana, portanto seu "pai" (o Anjo Espírito Santo) é o mesmo (cf. tratados II e V); a piedade teosófica de Suhrawardi foca nesta pessoa do Anjo Espírito Santo (cf. tratados VI, VII, VIII, XV). Como nós indicamos em outro lugar, uma nova fenomenologia do Espírito Santo seria aqui concebida em termos bastante diferentes da fenomenologia de Hegel, fundada nos *l'homoousios*, tal como definidos pelos Concílios. Cf. En Islam Iranien... t. IV, Índice s.v. fenomenologia.

²⁵ Sobre este *hadith*, cf. Majlisi, *Biha al-Anwar*, t. II, Tehéran 1355 h. 1., p. 85.

²⁶ *Bi-la-makan*, equivalente ao persa "*na-koja-abad*", o "país do não onde". Cf. En Islam Iranien... t. IV, Índice s.v.

²⁷ Será discutido mais detalhadamente (cf. Tratado II). Traduzido por penuma em vez de por espírito, para evitar qualquer confusão, e nem confundir esse "corpo sutil" com o *jism mithali*, o corpo espiritual sutil que reside no *mundus imaginalis*, cf. *ibid*, index s.v.

²⁸ Se as esferas celestes se permitissem ser perfuradas e transpassadas, sua resoldagem exigiria um movimento retilíneo. No entanto, a ideia não é apenas que sejam de um material sutil, impenetrável, que não pode ser transpassado ou rasgado. A impossibilidade de cruzá-las deve-se à sua esfericidade e ao seu movimento circular. Você não pode ir de uma esfera para outra; só se pode ser arrastado eternamente para a curvatura de seu movimento circular; continuidade e descontinuidade são contraditórios. A ascensão da alma, a saída da "cripta cósmica" não se realiza por uma ascensão corporal pelos céus astronômicos, mas por uma involução dos céus espirituais interiores (que estão em correspondência com estes, cf. Tratado XI). Você tem que alcançar a "confluência dos dois mares" para obter acesso ao *na-khoja-abad*. Este é o significado do "Recital dos Pássaros" e do *Miraj-Nameh* de Avicena. A subida é feita pelos céus do imaginal (cf. Tratado VI: não há necessidade de cavar um túnel, o símbolo da gota de bálsamo). Só então a doutrina se torna um evento da alma.

Os movimentos atualizam as aptidões em receber as Formas, e o Doador de Formas²⁹ então confere a existência. Assim é que, por exemplo, a água sendo aquecida até um grau extremo, a sua matéria (*hayûlî, hylê*) está apta a receber a forma do elemento Ar. Assim, o Doador de Formas lhe confere a Forma-Ar (*hawâ'iya*). Depois que a compleição do ser humano atinge o seu desfecho, o Doador de Formas lhe confere a alma pensante³⁰.

Segundo o filósofo, as Inteligências e as Esferas celestes têm uma duração perpétua em razão da perpetuidade de sua causa, enquanto tudo que está sujeito à renovação no mundo da geração e da corrupção, tem um começo no tempo, porque sua própria causa tem um começo no tempo.

9. Da Matéria e das metamorfoses dos Elementos

"Matéria" (*hayûlî, hylê*) é um termo que designa uma substância que reveste tanto a forma do Fogo, como a forma do Ar, da Água e da Terra. Que o elemento Água vem a ser Ar é manifesto, quando se vê as gotas de orvalho se transformando³¹. Foi o Ar que tornou-se Água, e a Água que tornou-se Ar. Os quatro Elementos são Fogo, Ar, Água, Terra³². O elemento Fogo está a uma distância extrema do centro (ou seja, da Terra). O elemento Terra está à distância extrema da periferia (da Esfera das Esferas)³³.

10. Os três reinos naturais

Da mistura desses Elementos resultam os três reinos naturais: mineral, vegetal, animal. O reino animal é superior ao vegetal e de uma compleição mais perfeita. O reino vegetal é mais perfeito que os minerais; embora o vegetal possua em comum com o animal certas faculdades, o animal supera o vegetal em outras coisas. Quanto ao que há de comum tanto ao vegetal quanto ao animal, isso consiste nas faculdades de nutrição, de cruzamento e de reprodução; e, naquela que representa a nutrição, encontramos as faculdades de absorção, retenção, digestão e expulsão. Em relação ao ponto no qual o animal supera o vegetal, está a faculdade da percepção. Existem cinco faculdades externas e cinco internas. As externas são audição, visão, odor, paladar, tato. As internas são (no ser humano), o *sensorium*, a imaginação representativa, a imaginação ativa, a estimativa e a memória³⁴.

11. As Almas motrizes dos céus e os seus êxtases

O homem, o mais nobre dos seres animados, possui de próprio, alguma coisa separada da Matéria, que é a alma pensante, subsistente por si mesma, não em um lugar (literalmente, não dentro de um 'onde')³⁵, vivente, conhecedora, governante dos corpos. É a isso que alude o

²⁹ *Dator Formarum*, cf. acima n.16.

³⁰ O ato de conhecer ocorre pelo mesmo processo. A inteligência humana, através das percepções dos sentidos e da imaginação, coloca-se em estado de aptidão para receber a Forma cognitiva dela emanada pela Inteligência como "Doador de Formas". Portanto, o pensamento da alma é o pensamento do Anjo, atualizando-se no intelecto que ele ilumina. Ponto de partida da fenomenologia aludida acima na n. 24.

³¹ Compare o Tratado XIII abaixo, a primeira parábola (capítulo 1).

³² Recorde-se que os quatro Elementos designam as qualidades fundamentais dos estados da matéria, não propriedades que vêm da análise química hoje, cf. o exemplo do texto referido na nota anterior.

³³ Abaixo do céu da Lua, as Esferas ou zonas dos Elementos são organizadas na seguinte ordem: Esfera do Fogo, Esfera do Ar, Esfera da Água, Esfera da Terra.

³⁴ O *sensorium* é o *hiss moshtarik* (= o sensu comum, que deve-se evitar traduzir como "bom senso", o que seria ambíguo). Voltaremos mais tarde, no Tratado II, à teoria dos cinco sentidos internos. A imaginação ativa às vezes é subordinada à estimativa, às vezes está a serviço do intelecto. Diferenciação essencial para a metafísica da Imagem e do Imaginal em Suhraward e, portanto, para o significado e a estrutura de seus recitais místicos.

³⁵ De onde o conceito de *nâ-khoja-abad*, acima 26 e 28.

Corão: "Por aqueles que vêm primeiro" (79/4); são as Inteligências. "Por aqueles que são os ministros de uma ordem"(74/5); são as Almas³⁶. Ou, segundo os filósofos, da mesma maneira que nossos corpos possuem uma alma pensante, também as Esferas celestes possuem, cada uma, uma Alma (*Anima celestes*), pensante, vivente, conhecedora, amorosa do Princípio (ou seja, a Inteligência Arcangélica) da qual emana, eternamente nostálgica, eternamente dentro do êxtase do amor, e dentro de deleites que se seguem uns aos outros. Este seu deleite comunica-se a seu corpo que, por consequência, é colocado perpetuamente em movimento, como o êxtase entre os anacoretas espirituais³⁷. Para cada Alma existe um céu, e é por isso que os movimentos dos céus diferem entre si. É por causa de seus movimentos respectivos, que o Bem continua a existir neste mundo. Mas este mundo não oferece, com relação a este universo sideral (*'alâm al-athîr*, o etérico) uma relação que possa ser levada em consideração³⁸.

12. Os três universos

Segundo os filósofos, os universos são em número de três: o Mundo das Inteligências (*Angeli intellectuales*), este é o mundo de *Jabarût*; o mundo das Almas (*Angeli celestis*), que é o mundo de *Malakût*; o mundo de *Molk* e este é o 'domínio dos corpos materiais' (ou ainda, *'alam al-shahâda'*, o mundo visível, o mundo dos fenômenos sensíveis)³⁹.

13. Das condições da existência da alma

Os filósofos professam que a alma do ser humano permanece existindo após a morte, na condição que seja conhecedora de Deus e de seus Anjos, que esteja marcada pela marca das realidades espirituais e que tenha, por conta própria, alcançado o grau de aptidão que lhe permita receber a marca dessas realidades espirituais. Pois tais são o objetivo e o limite da perfeição da alma que experimenta então doçuras que nenhum olho jamais viu, que nenhum ouvido jamais ouviu, que ainda não ascendeu ao coração de qualquer homem⁴⁰. Em

³⁶ Voltaremos a esse método de designação mais tarde (Tratado XV). As duas hierarquias celestes são aqui referidas, a das Inteligências (*Angeli Intellectuales*) e a das Almas Motrizes (*Angeli* ou *Anima celestes*), cf acima n. 12. A segunda categoria vem do mundo de *Malakut*. Seu desaparecimento (com o averroísmo) se introduz no mundo imaginal e arruina a metafísica da imaginação. Não há mais uma "confluência de dois mares". As *Anima celestes* não apontam para a percepção sensível, mas para a percepção imaginativa, em sua forma mais pura.

³⁷ Duas observações aqui. (1) A palavra *tajrid* denota o ato de separar (é o grego *chorismos*). O *mojarrad*, é o que está separado da matéria, do mundo, etc (é o grego *choristos*). Podemos traduzir *arbab* ou *ikhwan al-tajrid* pelos mestres ou irmãos da separação, da solidão. No entanto, esta tradução quase não "fala" ao leitor ocidental. Isto é o que é designado etimologicamente pelo grego *anakhoresis*; de onde nós escolhemos a tradução "anacoreta espiritual". Não é necessário que esses anacoretas se isolem geograficamente no deserto. Eles estão no meio deste mundo, sem que este mundo suspeite, cf. novamente abaixo Tratado XII, n. 35. (2) O caso das *Almas celestes* era como o dos extáticos, no sentido de que é a Imagem percebida pela imaginação pura (uma vez que são isentos da percepção sensível) que se comunica ao seu corpo (seu astro) e conduz este último com toda a sua esfera em sua revolução eterna. A Alma motriz tem a nostalgia de se assemelhar à Inteligência da qual emana, Seu Céu marca a distância que a separa dela, e sua nostalgia acarreta o movimento circular perpétuo de seu Céu (cf. também Tratado IX). É claro que essa cosmogeologia é independente das vicissitudes da astronomia positiva; faz parte de uma *imago caeli* pela qual os movimentos celestes são percebidos como atos de amor no céu (cf. também Tratado XI).

³⁸ O Bem, como também os males, que ocorre neste mundo devido aos movimentos das esferas, não é levado em consideração pela *Anima celestes*. Ela se move, arrastada pelo princípio que lhe é superior, porque, e este é um princípio constante do *Ishraq*, o que está acima é a finalidade do que está abaixo; nunca pode aquilo que é superior encontrar sua finalidade no que lhe é inferior.

³⁹ Em outras palavras, os três mundos são o mundo inteligível, o mundo *imaginal* e o mundo sensível. Ver também o Tratado II e os textos traduzidos em nosso trabalho *Terre céleste et corps de réurrection: de l'Iran mazdéen à l'Iran shi'ite*, Paris, Buchet-Chastel 1961.

⁴⁰ Este verso de São Paulo (I Cor, 2/9), frequentemente repetido pelos místicos (cf. também Tratado II, n. 86) na verdade vem do Apocalipse de Elias. Cf. nossa obra *L'Homme de Lumière dans le soufisme iranien*, Paris 1971, p. 115, n. 75.

contraposição, se ela está ignara de Deus e de seus Anjos, então fica ainda mais cega depois da separação do corpo, como Deus Altíssimo diz no versículo: "Aquele que foi cego neste mundo, será ainda mais cego no outro mundo e ainda mais perdido" (18/74). O cego está nas trevas: "Trevas amontoadas umas sobre as outras" (24/40)⁴¹. O sofrimento daqueles que ali estão é o castigo do véu que os separa de Deus, a perda da quietude deste mundo, e sua aquisição de vícios, como é dito: "Aquilo que eles adquiriram se apossou de seus corações" (83/14). Este versículo refere-se à distância que os separa de Deus. Seu sofrimento, é aquilo que se interpõe entre eles e os prazeres deste mundo que eles ainda cobiçam, como diz o versículo: "Um obstáculo se interpõe entre eles e o objeto de sua cobiça" (34/53).

14. A missão dos profetas

Os filósofos professam que os profetas - que a saúde esteja com eles - são suscitados por Deus para atuar da melhor forma possível dentro daquilo que a ordem deste mundo requer, e para fazer que os homens recordem-se do outro mundo. Isso é porque os homens são negligentes com relação ao outro mundo, e não observam o meio termo em seus assuntos dentro deste mundo. Eles então necessitam de alguém que os faça observar uma regra bem estabelecida, e este alguém deve ser uma alma superior, dotada, em virtude de sua superioridade, com um alto conhecimento e de um poder que não se compara ao de nenhum de seus contemporâneos. De fato, quando uma alma é superior e suas energias são intensas, ela imprime neste mundo uma influência imensa, enquanto está em comunhão com o Espírito Santo⁴² e recebe dele os conhecimentos mais elevados. Ela adquire um poder de luz e a própria virtude de emitir uma influência, assim como o ferro tornado incandescente pelo contato do fogo adquire uma forma de luminosidade e a virtude própria de queimar como o fogo. Acontece que tal grau também ocorre entre os Amigos de Deus (*Awliyâ*), mas os profetas têm, por direito próprio, um grau a mais. É que eles são comissionados para reformar os modos e para transmitir a mensagem, enquanto que os Amigos de Deus não têm esta tarefa⁴³.

15. Da *Sakîna* e dos estados visionários

Saiba que quando os mestres espirituais adquiriram o conhecimento superior, quando seu pensamento foi longamente exercido em uma meditação sutil sobre os objetos de seu conhecimento, tais como o Causador das causas e os seres aos quais ele confere imediatamente a origem⁴⁴, quando seu sentido se enfraquece pela diminuição da nutrição, então seu pensamento está de acordo e em conformidade com seu coração, sua litania com sua língua. Eles requerem a ajuda tanto de uma doce melodia ou de perfumes agradáveis, ou a contemplação de coisas apropriadas. Então se produz para eles as luzes espirituais, de tal maneira que, aos poucos, eles tornam-se um *habitus* (morada) e tornam-se *Sakîna*⁴⁵. Eis que se manifestam a eles as realidades supra-sensíveis, com as quais a alma se une através de uma

⁴¹ Este "verso da escuridão" segue o "verso da luz" (24/35) na mesma surata.

⁴² A Inteligência Agente, arcanjo Gabriel ou o anjo da humanidade. Cf. Acima 16, 17, e 24.

⁴³ Este capítulo marca muito claramente o lugar da missão dos profetas e, portanto, da profetologia, no pensamento de nossos filósofos. Pretender excluí-lo do programa da filosofia é destruir sua própria concepção, a fim de substituí-la por uma concepção racionalista, inteiramente moderna, de filosofia. Dissemos em outro lugar porque era inadequado traduzir por "santo" o termo *Awliya*, que designa os "Amigos de Deus" no sentido de nossos filósofos. Sobre a relação entre *walayât* e *nobowwat*, ver *En Islam iranien...* t. IV, index s.v.

⁴⁴ Estes são os *Mobda'ât*, que são designados como *'alam al-Amr* (o mundo do Imperativo Criativo, KN = Seja) para diferenciá-lo de *'alam al-khalq*, o mundo criado ou o mundo da Criação mediada, isto é, mediado pelo primeiro. Este é o pleroma dos seres de Luz pura, o *Jabarut* e o *Malakut*; é o *Dâr al-Ibda* na gnose Ismaelita.

⁴⁵ *Sakîna* (em hebraico *Shekhina*) é equivalente a *Xvarnah*, a luz mazdeana da glória, ver abaixo os Tratados III, V e XIV.

união espiritual. Estas coisas se propagam até à Imaginação ativa⁴⁶, da maneira que corresponde ao modo de ser da Imaginação ativa, assim como no sensório e na visão. Eles contemplam as aparições espirituais sob as formas mais belas que possam ser imaginadas; compreendem os mais suaves dos discursos; recolhem os mais altos conhecimentos. Às vezes têm uma visão dos mistérios que estão ocultos. A eles, portanto, é conferida a parte mais abundante e a posição mais elevada neste e no outro mundo. Bem aventurado aquele que conhece a si mesmo (*nafs*, sua alma)⁴⁷ antes de morrer, e que faz com que sua alma alcance aquele grau que é a doçura na morada da evanescência (*dâr al-fanâ*), e que será sua alegria na morada da perenidade (*dâr al-baqâ*).

Peço ajuda de Deus, porque ele é poderoso para responder, é o Princípio que dá origem ao universo. Glória a Deus e a bênção sobre nosso profeta e senhor, Maomé, assim como sobre toda a sua família.

Traduzido e disponibilizado por ImagoMundi em Novembro de 2021, a partir de tradução de Henri Corbin, 1976. "Sohravardi. L'Archange Empourpré. Quinze Traités et Récits Mystiques". Fayard, pp. 14-30.

⁴⁶ Sobre a teoria da Imaginação ativa sob seu duplo aspecto ver abaixo os Tratados II, III e IV. Às vezes é a faculdade de meditação (*fikr*) a serviço do intelecto (cf. as primeiras linhas deste capítulo) e é o órgão de penetração no imaginal (*alam al-mithal*); às vezes se abandona à estimativa, e só secreta o imaginário. Suhrawardi apresentará a este respeito a sua doutrina da percepção visionária: esta não surge de dados sensíveis, mas é projetada de cima, a partir de percepções intelectuais, sobre o sensório.

⁴⁷ Cf. o famoso lema: "Aquele que conhece a si mesmo (*nafsa-ho*, sua "alma") conhece seu Deus."